

**DESENVOLVIMENTO DE IMATUROS DE *FRANKLINIELLA OCCIDENTALIS* (PERGANDE, 1895) (THYSANOPTERA: THRIPIDAE) EM FOLHAS DE MORANGUEIRO**

Rogério Gitz<sup>1,2</sup>, Aline Nondillo<sup>1</sup>, Sílvia M. J. Pinent<sup>1</sup>, Marcos Botton<sup>3</sup> e Luiza R. Redaelli<sup>1</sup> (orient.)

<sup>1</sup>Departamento de Fitossanidade, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; <sup>2</sup>Ciências Biológicas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; <sup>3</sup>Embrapa-Uva e Vinho, Bento Gonçalves; rogitz29@yahoo.com.br; luredael@ufrgs.br.

O morangueiro é a espécie, do grupo das pequenas frutas, com maior área cultivada no Brasil, sendo o Rio Grande do Sul o principal estado produtor, com uma área de cultivo de aproximadamente 700 ha. Um dos aspectos pontuais relacionados a essa cultura diz respeito à incidência de pragas e doenças, refletido pelo grande número de aplicações de inseticidas, realizados anualmente. Dentre os insetos que reduzem a qualidade dos frutos do morangueiro têm merecido destaque os tripses, cuja crescente importância está relacionada, não só com a difícil sistemática do grupo, mas principalmente pela falta de estudos sobre sua biologia. Das espécies de tripses que ocorrem no morangueiro, destaca-se *Frankliniella occidentalis* (Pergande, 1895) (Thysanoptera: Thripidae) pela alta frequência encontrada nas flores. O objetivo deste trabalho foi registrar e acompanhar o desenvolvimento de imaturos de *F. occidentalis* em folhas de morangueiro, em condições controladas no laboratório. Para tanto, 50 larvas recém-eclodidas de *F. occidentalis* foram individualizadas com auxílio de um pincel de cerdas finas em placas de vidro (4,4 cm diâmetro x 2,5 cm altura), contendo um folíolo de morangueiro e cobertas com parafilme. As placas de vidro foram acondicionadas em câmara climatizada ( $25 \pm 1^\circ \text{C}$ ;  $70 \pm 10\%$  U.R.; fotofase de 12 horas). Diariamente, acompanhou-se o desenvolvimento das larvas, registrando-se as ecdises e o número de indivíduos mortos até que alcançassem a fase adulta. A duração média do 1º instar, 2º, pré-pupa e pupa foram respectivamente,  $1,98 \pm 0,05$  dias;  $3,49 \pm 0,20$  dias; 1,02 dias;  $2,44 \pm 0,02$  dias. A duração total das fases de larva a pupa foi de 8,9 dias. A viabilidade do 1º instar, 2º instar, pré-pupa e pupa foi de 96,2, 88,2, 95,6 e 93,0%, respectivamente. O acompanhamento resultou em dados relevantes para uma maior compreensão da biologia de *F. occidentalis*.

(Apoio: CNPq – Processo nº 473433/2006-0; FAPERGS)